

RECENSÕES

POETA GAÚCHO HOMENAGEADO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS — Recentemente o escritor Octávio de Faria — grande autor da “Tragédia Burguesa” — fez o seguinte pronunciamento na Academia Brasileira de Letras, quando da apresentação do livro de Temístocles Linhares e Ernani Reichmann, “A Poética de Carlos Nejar”: — “Sr. Presidente. Srs. Acadêmicos, Os autores do livro “A Poética de Carlos Nejar”, escritores Temístocles Linhares e Ernani Reichmann, incumbiram-me de fazer chegar à Biblioteca da Academia este exemplar, a ela dedicado. O livro já seria importante pelo simples fato de vir assinado por dois dos melhores nomes de nossas letras: Temístocles Linhares, crítico dos mais conhecidos, que apresenta o livro com uma espécie de Prefácio, reproduzindo seis diálogos sobre a poesia de Nejar, escritos no decorrer dos anos de 1972 e 73 — e Ernani Reichmann, o notável “existencialista” das letras paranaenses, que analisa, compreensiva, profunda, visceralmente, a obra do poeta desde seu primeiro volume até “Canga (1971), só lhe escapando “Casa dos Arreios”, muito recentemente publicado (1973). Digo que a importância do livro apresentado não reside, essencialmente, em seus autores, apesar do inegável valor de que são possuidores do trabalho que conseguiram realizar — muito grande, sem dúvida — porque me parece que o decisivo no volume é a luz que ele faz incidir sobre o poeta Carlos Nejar em si. Carlos Nejar, todos nós o conhecemos, todos nós o admiramos, mas creio que ainda não lhe conseguimos dar, apesar dos nossos comentários — e lembro, entre eles, os mais agudos, de um Antônio Houaiss, e os mais minuciosos, circunstanciados, de uma Nelly Novaes Coelho (em livro e na longa introdução a “Casa dos Arreios”) ou o dos portugueses que o reverenciaram com a Antologia: “Dois Poetas Novos do Brasil”, ao lado de Armindo Trevisan, — nenhum de nós, repito, conseguiu exprimir e proclamar a importância toda especial que o fenômeno Carlos Nejar representa no Brasil. Sou mesmo levado a crer que nesses últimos dez anos de produção literária e poética, Carlos Nejar foi a maior de nossas revelações, configurando a melhor produção literária desta década. Certo, não estou querendo comprar ninguém, nem tocar nos “monstros sagrados” ainda vivos como João Cabral, Drummond ou Murilo Mendes. Apenas, dizer que Nejar, em pouco mais de 10 anos de produção (seu livro de

estréia, “Sélesis”, é de 1960), ao longo de 8 livros já publicados, e primorosos, todos, especialmente “Livro de Silbion”, “Ordenações” e “Danações”, construiu uma autêntica “obra” — sem paralelo, me parece, pelo seu “acúmulo poético”, pela sua qualidade, pelas perspectivas que abre a seu autor vida-adentro, ele em plena maturidade poética — ainda que muito jovem, quase uma criança de 34 anos, a ponto de nem figurar, creiam os senhores, no “Dicionário Bibliográfico Brasileiro” de Raimundo Magalhães — sem paralelo, insisto, como “fenômeno poético”, com nenhum outro dos que conheço. Eis porque, Sr. Presidente, Srs. Acadêmicos, considero uma honra e um crédito para o futuro, apresentar o volume “A Poética de Carlos Nejar, — livro que o vem consagrar definitivamente entre nós”. **OCTAVIO DE FARIA.**

Fruto da experiência do A. no ensino das literaturas em língua portuguesa, quer ao nível secundário, quer ao nível superior, surge em boa hora este *Elemento de Teoria Literária* que, destinados ao estudante de segundo grau fornecem ainda, — conforme Massaud Moisés assinala na apresentação — “ao leigo em tais problemas, desejo de iniciar-se. as informações requeridas por sua curiosidade intelectual”.

“Conceito da Literatura”, “A Obra Literária”, “Prosa-Poema-Poesia”, “O Verso”, “A Rima”, “A Estrofe”, “Gêneros Literários”, “Espécies Literárias em Verso”, “Espécies Literárias em Prosa”, “Teatro” e “Movimentos Literários” são os capítulos que compõem a obra e que mereceram, por parte do A., um tratamento objetivo. Neste particular destaque-se a importância da apresentação no capítulo II, “A Obra Literária” em que o A. conceitua e exemplifica de maneira clara as funções da comunicação literária, apresentadas por Roman Jakobson: emotiva ou expressiva, apelativa ou conativa, referencial ou informativa, fática, metalinguística e poética.

A par dessa objetividade na exposição da matéria, a linguagem reveste-se de simplicidade e clareza, daí sua acessibilidade ao leitor. No final de cada capítulo, o A. apresenta um “Resumo”, síntese esquemática da matéria exposta, e “Exercícios”, incluindo, às vezes, alguns “Temas para Debates”. É óbvio que tais elementos são de enorme interesse para os alunos do 2º grau, pois, rigorosamente, é nessa altura que estão ensaiando os primeiros passos dentro de uma visão analítica da literatura. Ademais, tal preocupação do A. evidencia o caráter didático, presente ao longo dos *Elementos de Teoria Literárias*.

Nos capítulos dedicados ao problema da prosa e da poesia, e ao teatro ressalte-se sempre a presença constante dos exemplos, em geral bem escolhidos, seja de autores brasileiros, seja de portugueses. No caso destes, atente-se para a atualidade dos textos, especialmente às páginas 3 e 4 quando vemos um trecho de *Vocação Animal* de Herberto Hélder, poeta de enorme interesse na moderna poesia portuguesa.

No capítulo final, “Movimentos Literários”, aliás o mais extenso do manual (da página 83 a 181), o A. passa a caracterizar tais movimentos desde o Trovadorismo até o Modernismo. Além da precisão e concisão como que o A. aborda cada um dos períodos, ressalte-se a minuciosa cronologia compara-

tiva que se segue ao final de cada movimento. Para a elaboração dessa cronologia o A. reuniu escritores brasileiros, portugueses e de outras nacionalidades, desde 840 até nossos dias, o que dá um caráter de novidade à presente obra e a torna um “instrumento de grande utilidade ao estudante do curso médio”.

Nesta altura, o único senão a anotar é que o A. ao invés de assinalar as características dos movimentos num sentido mais detidamente estético, geralmente enfatiza apenas os aspectos históricos, dentro de um caráter eminentemente comparativo de várias literaturas.

A destacar ainda um quadro panorâmico, no início do livro, em que o A. reuniu em paralelo os principais escritores de Portugal e do Brasil, dentro de movimentos a que pertenceram e a extensa bibliografia, no final do volume, tudo isto dentro de uma linha marcadamente didática, escolhida pelo A.

Em resumo e em síntese, pela programação da matéria, exposta em linguagem clara e acessível, pelos resumos apresentados no final de cada capítulo, pelo emprego de uma terminologia atualizada, o livro alcança seus objetivos, qual seja o de colocar às mãos do estudante do segundo grau, uma matéria ordenada, dentro de um caráter eminentemente didático.

Fica apenas a sugestão de numa próxima segunda edição, que os movimentos literários sejam apresentados com mais minúcias em suas dimensões propriamente estéticas.

João Décio/Carlos Alberto Iannone

BARRENO, Maria Isabel — Horta, Maria Teresa — Costa, Maria Velho da *Novas Cartas Portuguesas*, Lisboa, Estúdios Cor, Col. Serpente, 1972, 389 pp.

Três das mais importantes ficcionistas da Literatura Portuguesa da Atualidade, apresentam estas *Novas Cartas Portuguesas* que constituem uma retomada e uma atualização do drama amoroso que cercou a vida de Sórora Mariana do Alcoforado, sua paixão violenta e impensada, por Mr. de Chamilly e o nascimento conseqüente de uma menina.

O livro, ora lançado no Brasil, situa-se na linha de reivindicação em favor da libertação da mulher portuguesa, condicionada, como se sabe, a uma gama enorme de preceitos e tabus que a cercam e a limitam. Aliás, as três ficcionistas estão na onda da defesa da mulher portuguesa, especialmente Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, aquela em dois romances, *De Noite as Árvores São Negras* e *Os Outros Legítimos Superiores* e esta, autora de *Maina Mendes*.

As considerações sobre a situação atual da mulher acompanham e ilustram as chorosas cartas que a freira, no seu convento, escrevia, desesperada, a seu amante que muito raramente comparecia ao convento para visitá-la.

Constitui, na verdade, uma experiência nova (e aqui válida) em Literatura Portuguesa, a reunião em um só volume de três renomadas escritoras, engajadas numa atitude de crítica social e moral num tom pouco encontrável. Curiosa síntese de três artistas que aqui também se relevam pensadores e que refletem sobre graves problemas da sociedade portuguesa.

Repõe-se numa visão mais atual e numa sociedade mais ampla (não mais o convento, agora a cidade de Lisboa) a dificuldade que se coloca às mulheres para afirmarem seu valor no plano geral da vida.

O livro se compõe de algumas cartas de Sórora Mariana do Alcoforado e do intenso debate ressalta-se a "profissão de fé" da mulher autêntica, na luta desesperada para se impor com sua inteligência e seus desejos de viver a vida. Não estamos diante de tipos vulgares de mulher que simplesmente demonstram suas ânsias, mas diante de uma obra literária de três mulheres inteligentes e por isso a vivência que pretendem avulta de significado e transcendência.

Trata-se de cartas e tal gênero literário apresenta vários momentos de esplendor ao longo da Literatura Portuguesa e constitui mesmo faceta literária importantíssima em vários autores. Basta lembrar como exemplificação as cartas dos Padres

Antônio Vieira, Manuel Bernardes, Francisco Manuel de Melo e a representante feminina por excelência, Sórora Mariana do Alcoforado. Modernamente, dois autores de enorme interesse enveredaram pelo campo das cartas: Alberto Ferreira e Virgílio Ferreira, respectivamente em *Diário de Édipo* e *Carta ao Futuro*.

Rigorosamente, as cartas (e, mais abrangentemente a epistolografia) têm constituído na Literatura Portuguesa um gênero ambíguo; em parte, constituem propriamente criação literária, mas não raro têm participado do ensaio, adquirindo, às vezes, um caráter social e político, sem ou com matiz apolítico.

Surgem agora estas *Novas Cartas Portuguesas* a assinalarem que o gênero não morreu, em Portugal. Qual poderia ser uma razão profunda para a revivescência da epistolografia em Portugal, através, neste momento, da associação de três ficcionistas, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa?

Parece-nos que o ressurgimento intermitente das cartas se deve a graves períodos críticos no plano da comunicação e com elas se volta a praticar um ansioso diálogo que começava a ser esquecido. Quando se escreve uma carta naturalmente espera-se uma tomada de consciência da parte do destinatário e uma conseqüente resposta, seja de que qualidade for.

Pois bem, as autoras das *Novas Cartas Portuguesas* propõem o diálogo, interrogando-se e interrogando-nos sobre a grave situação (e condição) da mulher portuguesa do século XVII, na atualidade, e sempre.

A limitação geográfica do convento onde Sórora Mariana do Alcoforado foi enclausurada é substituída pelo amplo panorama de Lisboa.

Não nos iluda, porém, a ampliação espacial, a clausura é a mesma. No convento do século XVII como na capital portuguesa ergue-se o terrível caudal de preconceitos, tabus e limitações de toda ordem que faz irrespirável a vida da mulher.

A nosso ver, a libertação da mulher deve processar-se gradativamente e operando-se nos aspectos mais importantes da questão: cultural, social, econômico, especialmente o psicológico e obviamente no plano do sexo.

Parece-nos, salvo melhor juízo, que as três escritoras enfatizaram demais a dimensão sexual no assunto, esquecendo-se um pouco de que a libertação implica num índice maior e se privilegia no plano espiritual, psicológico, cultural, que englobam toda uma lúcida consciência dos atos com vistas à projetada liberação.

E neste sentido, as autoras abrem largas considerações sobre o carácter altamente angustioso da vida da mulher o que permite um mais real e profundo conhecimento da sua condição:

“A vida de uma mulher é toda como um parto; acto solitário e doloroso, escondido, arredado dos olhos de todos em nome do pudor. O pudor é uma nostalgia, serve para fingir que estão mortos os vivos demasiado incómodos”. (p. 179). (1).

Insólita, inesperada e inquietante experiência esta da associação de três inteligentes escritoras, levantando candentes questões sobre a aflitiva situação (e condição) das mulheres portuguesas de sempre.

Leitura obrigatória, é óbvio, para os estudiosos da Literatura Portuguesa e interessados nos graves problemas propostos por mulheres à mulher.

João Décio/Lurdes Andreassi.